



ENTREVISTA MIGUEL MENDES PEREIRA Advogado

“Os portos permitem-nos jogar na Champions League da economia mundial”

Concorrência AdC aponta problemas de concorrência num sector estratégico para a economia portuguesa. Miguel Mendes Pereira diz que portos são uma vantagem.

Joana Moura e Filipe Alves
joana.moura@economico.pt

A concorrência no sector portuário, que foi tema de uma conferência organizada na semana passada pela Vieira de Almeida & Associados, foi um dos temas abordados na entrevista que Miguel Mendes Pereira, sócio do escritório, concedeu ao Diário Económico e ao ETV.

Por que é que este sector está tão debaixo de foco?

Temos visto muitos comentários acerca do estudo que a Autoridade da Concorrência (AdC) colocou em consulta pública, em Julho, sobre a concorrência no sector portuário, a segunda razão é a importância estratégica que os portos têm para Portugal. Portugal dispõe de uma vantagem competitiva de que não dispõe em outras actividades, é um sector que tem uma importância fundamental para Portugal. Por exemplo, a AdC considera que a oferta está muito concentrada. Isto significa que sendo no futuro uma empresa a decidir fazer uma fusão ou aquisição neste sector, poderá encontrar objecções, que, no limite, proibem a operação.

Quais foram as principais conclusões do estudo da AdC?

O objectivo foi identificar constrangimentos concorrenciais que afectassem a competitividade dos portos portugueses face a outros países. E identifica cinco problemas: o primeiro tem a ver com o modelo de governação dos portos, a AdC considera que há uma esquizofrenia nas administrações portuárias e pugna por uma separação mais clara entre a administração, regulação, e prestação de serviços em concorrência com os privados; o segundo problema é o acesso às concessões dos terminais portuários. Na opinião da AdC, há um problema com o prazo das

concessões, na medida em que uma concessão, sendo exclusiva, encerra esse mercado à concorrência durante um prazo que é relativamente longo. Este é, aliás, um dos pontos mais polémicos.

Há quem considere que os prazos longos são necessários para que os investidores possam ter retorno daqueles investimentos.

Nem mais. Mas, depois, um terceiro problema tem a ver com as rendas pagas pelos concessionários. Aquilo que a AdC diz é que os concessionários pagam demais. E, por outro lado, considera que há um factor no modelo que funciona como um desincentivo à produtividade, porque as rendas contêm um elemento variável que faz com que as rendas aumentem à me-

da que aumenta a carga manuseada no terminal. Por último, a questão do acesso à prestação de serviços portuários, como o reboque ou a amarração. A AdC diz que existem alguns portos em Portugal onde a actividade está também sujeita à concessão, portanto não é de acesso livre. Na maioria dos casos não existem razões objectivas para concessionar estas actividades, e não havendo razões objectivas – como a falta de espaço ou condições para existir mais do que um operador, esses serviços deveriam ser de acesso livre. Isto tudo redundando em dizer: se estes constrangimentos forem resolvidos vai ser possível prestar os serviços portuários, oferecer aos navios custos mais baixos, qualidade mais elevada, logo um sector portuário mais competitivo.

Como é que os portos portugueses se comparam aos espanhóis, por exemplo, em termos de custos e eficiência para os operadores?

É inegável que os portos são estratégicos para Portugal. É uma área que tem tido uma melhoria constante, investimento, e onde há uma aposta clara de operadores privados e também de autoridades públicas. Julgo que poderá haver mais, podemos melhorar e esse tem de ser o nosso esforço. Portugal dispõe aqui de uma vantagem competitiva que não dispõe em outras indústrias, temos aqui condições que nos permitem jogar na Champions League da economia mundial. Portugal é uma porta de entrada para a Europa e a faixa Atlântica de Portugal localiza-se entre as principais rotas de tráfego marítimo entre Norte-Sul, Este-Oeste, é uma vantagem e há que aproveitá-la. É uma responsabilidade colectiva do país, para a qual não existem desculpas se não for concretizada. ■



“

É inegável que os portos são estratégicos para Portugal.

Miguel Mendes Pereira
Ssócio da Vieira de Almeida